



RODRIGO DO CARMO CAETANO, SUOR E SANGUE, 2003, ÓLEO S/TELA

PONTO DE VISTA

O declínio do império

O modo como os Estados Unidos e seus dirigentes vêm conduzindo suas políticas interna e principalmente externa é motivo de críticas ao redor do mundo. As ondas antiamericanas representam desde nichos reacionários que defendem bandeiras antiimperialistas e antiglobalização até terroristas fanáticos. Paul Krugman, polêmico economista norte-americano, encaminha a crítica em um veio liberal, mas não menos pesado. O artigo analisa algumas de suas idéias sobre o declínio do império norte-americano e suas conseqüências.

por **Taís Laporta** DIGESTIVO CULTURAL

Um dia antes de Paul Krugman, economista e colunista do *The New York Times*, ver seu novo livro ir para a gráfica, as tropas norte-americanas tomaram Bagdá, em março de 2003. Ficou evidente, então, um buraco entre as profecias de

uma guerra irresponsável, contidas na primeira versão de seu livro, *A Desintegração Americana*, e a necessidade de uma atualização contemporânea. Foi o que estimulou Krugman, 12 meses depois, a incorporar mais uma série de textos à

obra, versão que chega agora ao Brasil pela Editora Record.

De encontro aos noticiários tradicionais dos EUA, a voz editorial de Krugman não evoca somente um intenso teor pessimista ao prever catástrofes políticas e econômicas em es-

cala mundial, mas também condena abertamente a liderança que governa os EUA neste início do século XXI – entenda-se: Bush filho e o partido republicano. O livro atribui ao grupo, uma minoria poderosa, parte da responsabilidade pelo desmantelamento de uma potência que perde, dia a dia, sua aura majestosa.

Uma crítica liberal. Essa visão aterradora da realidade norte-americana é normalmente associada às ideologias de uma ala pseudo-revolucionária espalhada pelo mundo que se ocupa em fazer oposição à guerra e ao governo Bush em defesa dos direitos humanos. Esses nichos compõem, na verdade, uma parcela que aproveita a fúria do anti-americanismo que parece ter tomado o mundo recentemente, não devendo ser confundida com os fanáticos fundamentalistas. Eles se baseiam em argumentos contra a globalização e apregoam uma oposição degenerada que já havia perdido o sentido antes mesmo da queda do muro de Berlim.

A crítica de Krugman vai noutra direção. É uma crítica liberal. Propõe que o livre comércio, aliado a uma política econômica responsável, é a melhor alternativa para o desenvolvimento de um país. E, convencido de que as lideranças atuais não cumprem esse papel, ele condena enfaticamente o que chama de “a retórica enganosa de Bush”, que ajudou a facilitar a aceitação incondicional da opinião pública diante das resoluções políticas norte-americanas.

Bush demonstrou indignação diante das fraudes contábeis envolvendo empresas norte-americanas como a Enron enquanto seu próprio governo divulgava relatórios com números igualmente maquiados que previam superávits gigantescos para os próximos anos.

Sua tese supõe que a imprensa, apesar de se vangloriar pela liberdade de expressão, não questiona interesses escusos do governo por trás de decisões contestáveis, exercendo o papel de seu “porta-voz oficial”. Se não fosse verdade que a promoção da imagem de Bush deu certo, ele não teria sido reeleito em 2004. E uma série de fatores passíveis de reflexão, como aponta Krugman, confirma que não é difícil aproveitar a correnteza para alcançar objetivos partidários.

A propaganda da guerra. Que uma enorme parte da família típica norte-americana é estereotipada pelo popular desenho animado *The Simpsons*, ninguém duvida. Contudo já é mais difícil aceitar que uma boa porcentagem deles tem plena certeza, mesmo contra todas as evidências, de que Sadam Hussein possuía ligações com a Al Qaeda e coordenou os ataques de 11 de setembro. Não é preciso ir longe para concluir como os “Homers” chegaram a essa conclusão enganosa. Mas, independentemente do motivo, esta é uma alavanca tentadora para uma invasão bélica no Iraque.

O chamado “ataque preventivo” começou com sutilezas: quem abria os jornais no fim de 2002, em qualquer parte do mundo, deparava com repetitivos “avisos” do governo norte-americano para que o Iraque revelasse onde escondia supostas armas químicas de destruição de massa. Depois que auditores enviados ao país para descobrir tais armas foram difamados por não acharem evidências de ameaça à humanidade, a guerra começou. Hoje, até os serviços de inteligência admitiram ter se enganado sobre o perigo iraquiano – e não se pode dizer o mesmo da Coreia do Norte, estranhamente ignorada pela segurança militar dos EUA. Com as cartas na mesa, a conclusão de Krugman chega a incomodar: os ataques de 11 de setembro, além de aumentarem a popularidade de Bush, foram o pretexto ideal para uma falsa guerra contra o terror, que, na verdade, foi sua melhor propaganda.

Para os mais atentos, não é preciso que os críticos explicitem esse ruído. Há uma intuição, silenciosa, é verdade, apontando que algo não cheira bem. Ainda assim, Bush foi reeleito, e não mudaram esse retrato nem a histeria dos filmes de

Michael Moore, quanto menos os artigos de Krugman. A atmosfera antiterror foi audaciosamente apropriada para classificar como antipatriótica toda oposição às decisões de segurança dos EUA. E falta de patriotismo, em um clima de guerra, não é nada recomendável.

Enquanto isso, o autor de *A Desintegração Americana* sugere que os bombardeios no Iraque prestaram um serviço à reorganização do terror no mundo: os Talibãs do Afeganistão foram repentinamente esquecidos e ganharam a chance de se reagrupar, ao passo que os recursos para a segurança interna dos EUA foram cortados para custear a invasão bélica no Iraque. Não é um paradoxo curioso? Hoje, a prioridade é bombardear uma região decadente do Oriente Médio ao invés de proteger o próprio território. E, naturalmente, nada disso pode parecer óbvio.

A roupa nova do rei. A história da atual situação norte-americana lembra um conto clássico escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen em 1837. No enredo, um esperto alfaiate promete fazer uma roupa belíssima ao rei, mas adverte que somente as pessoas inteligentes poderiam vê-la. Ele recebe linhas de ouro e materiais riquíssimos para confeccionar as vestes. Assim, fios invisíveis eram tecidos e as pessoas fingiam notá-los para não parecerem estúpidas. Até que, um dia, a roupa ficou pronta e o rei exclamou “Que beleza!”, embora nada visse, a fim de não parecer tolo na frente

dos súditos. Então, decidiu desfilar pela cidade para exibir os trajes especiais, e a população, para se mostrar inteligente, soltava falsos suspiros de admiração. Para surpresa geral, a única pessoa a admitir que o rei estivesse nu foi uma inocente criança.

Ao comparar o conto com as idéias de Krugman, o astuto alfaiate é uma metáfora para o governo Bush, que tece uma roupagem invisível para seu rei (os EUA). O discurso que incita o povo a se enrolar na bandeira norte-americana – amabilíssima, por sinal – impede a aceitação do óbvio: a sua invisibilidade. E as vozes que denunciam a suposta farsa – entre elas a de Krugman – representam a criança. Aliás, Krugman repete em seu livro, com insistência, que o rei está nu.

Por isso, não é sem motivos que os altos escalões do governo estejam furiosos com os artigos de Krugman. Afinal, suas críticas contra a liderança republicana, apesar de não passarem de um ponto de vista, desmoralizam as supostas virtudes da administração. Pontos de vista que, em grande parte, confirmaram as consequências negativas ocorridas na economia do país. Nos últimos anos, o mundo presenciou incontáveis malogros que contribuíram para a perda de credibilidade dos EUA como potência exemplar, ainda que tenha sido a vítima oficial do novo século depois do 11 de setembro.

O Prêmio Nobel de Literatura François Mauriac afirmou que “de nada serve conquistar a Lua se o homem perde a Terra”, o que reflete a inconfundível falta de controle

do Tio Sam em abraçar o mundo em tempos de crise. Época em que o anti-americanismo circula, como nunca, pelas veias conspiratórias do globo. Até a Inglaterra, cujo primeiro-ministro foi um dos poucos a apoiar a guerra contra o terror, alimenta uma multidão de manifestantes coléricos com essa história toda.

A queda do gigante? Enquanto isso, fatos isolados ajudam a deformar ainda mais a reputação da grande potência. Escândalos corporativos demonstraram que megaempresas norte-americanas fraudavam sua contabilidade com números falsamente lucrativos para atrair investidores de todo o mundo. E conseguiram, até que a trapaça veio à tona. Nesta baila, a consagrada Enron entrou em colapso e o mercado mostrou que, quando a bolha infla vertiginosamente, corre o risco de estourar, ainda que no paraíso das finanças chamado Estados Unidos da América. O desastre serviu para mostrar que nem mesmo a “governança corporativa” é suficiente para assegurar a confiança dos investidores no mercado financeiro. Neste embalo, Bush demonstrou indignação diante das fraudes contábeis enquanto seu próprio governo divulgava relatórios com números igualmente maquiados que previam superávits gigantescos para os próximos anos.

As mesmas previsões que serviram para justificar a política de redução de impostos de Bush, contra a qual Krugman reluta insistentemente. Ele afirma que o governo

vendeu a idéia do corte de arrecadação como uma alavanca para o crescimento econômico, mas o que se viu foi um grande déficit orçamentário nas contas públicas, que teve de ser compensado com o corte de gastos para programas sociais: o Medicare (auxílio saúde dos pobres) e a Previdência Social (que vai sustentar os *baby boomers* aposentados). O colunista também acusa o governo de cortar grandes quantias de arrecadação fiscal apenas de uma seleta minoria: os muito ricos. Mas os rombos no orçamento ganharam uma explicação oficial diferente: a guerra e uma recessão inesperada provocada pelo livre mercado. Tudo para, segundo Krugman, ocultar os estragos causados pelos cortes de impostos, projeto prioritário da lista de interesses partidários de Bush.

Os fiascos econômicos são apontados nas colunas de Krugman como consequência direta das decisões políticas da atual administração. Ele chama de “oportunistas” uma série de atitudes que estavam escondidas em baixo do tapete: medidas antiambientalistas, a recusa em diminuir em 5% a emissão de gás carbônico na atmosfera, para não prejudicar a economia; submissão aos abusos das empresas de energia na Califórnia, por sinal um setor estimado pelo governo; protecionismo radical que esmagou a competitividade de outros países, como a taxaço do aço; ajuda três vezes menor que os países da Europa a nações emergentes; omissão perante os colapsos econômicos da

O governo republicano norte-americano conseguiu dismantelar uma nação de imponência outrora inabalável por meio da manipulação de informações e medidas extremas que acabam por beneficiar pequenos grupos ligados a seus interesses.

América Latina, especialmente na Argentina; e o que, ultimamente, é mais visível: os gastos exorbitantes com uma invasão bélica que não consegue se justificar.

Esses são apenas alguns pontos em que o colunista se apóia para defender a tese de que o governo republicano conseguiu dismantelar uma nação de imponência outrora inabalável, por meio da manipulação de informações e medidas extremas que acabam por beneficiar pequenos grupos ligados a seus interesses. E isso, segundo Krugman, é uma postura que vai causar graves estragos e um futuro próximo, para os EUA e para o mundo. Só o tempo mostrará se essas previsões não passaram de exagero.

Excessos ou sensatez? Enquanto isso não ocorre, sempre haverá críticas contra a falta de papas na língua de Krugman quando o assunto é denunciar as incoerências da liderança republicana. Os principais argumentos contra o colunista se apóiam na premissa de que ele é uma voz solitária, isolada nos recantos de Princeton, onde mora e leciona economia, e que fica muito longe de Washington, D.C., onde as coisas acontecem. Outros comentaristas questionam sua real capacidade de

se meter em assuntos políticos quando sua especialidade deveria se limitar à taxa de juros e mercado.

Contudo, é inegável que, ainda que Krugman não fosse economista, seus argumentos se apóiam em pilares que fogem do senso comum: apontam o quanto uma administração pública, até mesmo de potências, possui falhas e enfrenta dificuldades parecidas com as de países pobres. Além disso, atesta que nenhuma civilização está livre de projetos ambiciosos de poder, tal é a natureza do homem que governa. E liderar deveria combinar estratégia e caráter, como acredita o próprio general do exército norte-americano, Norman Schwarzkopf. No entanto, os dois dificilmente andam juntos. Os riscos que o poder acarreta não fogem à regra do que aconteceu em *A Revolução dos Bichos*, romance de George Orwell. Na fábula, um grupo de animais políticos acaba se tornando “humano” demais, metáfora que cabe, com perfeição, à história das lideranças reais: a certa altura, já não se sabe mais quem é homem e quem é bicho.

Tais Laporta
Jornalista
E-mail: taislaporta@gmail.com